

LEITURA E LITERATURA: POR QUE FORMAR LEITORES LITERÁRIOS?

Isabela Feitosa Lima Garcia¹

Nathalia Bezerra da Silva Ferreira²

RESUMO

Muito se discute acerca do conceito de leitura, sua função e os benefícios que esta opera. Dessa forma, objetivamos traçar um percurso crítico da leitura, desde a invenção do livro até os dias atuais, mostrando a evolução desta ao longo do tempo; considerando a maneira de ler, a forma do livro e a relação autor-texto-leitor, bem como os tipos de leitura apontados por Martins (1990). A leitura é vista como algo prático, presente no cotidiano, inerente ao homem, pois o contato com ela possibilita compreender o mundo de modo mais amplo. Observa-se também as razões para ler, porque lemos e para que, além de mencionar o que contribui na compreensão do texto e o processo comunicativo realizado quando o ato de ler se concretiza, no momento em que leitor e autor interagem. Portanto, o presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre autor, texto e leitor, na perspectiva de formar leitores de textos literários, tendo em vista a relevância da literatura para a vida do ser humano, assim como seus benefícios. Como referencial teórico ao trabalho em questão, utilizaremos Manguel (1998), Martins (1990), Cândido (2004), Zilberman e Silva (1990), Todorov (2009).

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Formação de Leitores. Humanização.

Considerações iniciais

As pesquisas sobre leitura, literatura e a relação autor-texto-leitor são inúmeras e, tem crescido ao longo dos anos, porém, não se esgotam, pois as investigações baseadas em projetos e atividades desenvolvidas para fomentar e incentivar à leitura literária constituem-se fundamentais na formação de leitores. O presente trabalho tem por objetivo contribuir com as discussões deste segmento, uma vez que traçamos uma trajetória da leitura e suas histórias e de como o leitor se relaciona com o texto.

Para a elaboração da pesquisa em questão, recorreremos a teóricos que subsidiam discussões sobre leitura, literatura e formação de leitores. No que concerne à leitura, utilizamos Manguel (1998), Martins (1990) e Koch (2006). Já no que se refere à literatura, Lajolo (1981), Barthes (1989), Culler (1999) e Aragão (2006). Recorreremos ainda a Zilberman e Silva (1990), Cândido (2004) e Todorov (2009) para discutir sobre o papel da literatura como elemento humanizador.

¹ Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Professora da Rede de Educação Estadual do Estado Ceará.

² Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Professora da Rede de Educação Básica do Estado do Ceará.

Na primeira parte, delineamos um sucinto percurso sobre a leitura e as histórias que são construídas a partir da história do leitor. Abordamos também os modos de ler um texto com três perspectivas diferentes. Inicialmente, temos o autor como centro, em seguida o texto e, por último, o leitor.

Na sequência, exploramos definições distintas a cerca do que denominamos como literatura, visto que as conceituações são abrangentes e expressam às dificuldades inerentes às tentativas de se determinar o que é um texto literário.

Na última seção, apresentamos as relações que são estabelecidas entre o leitor e o texto, os objetivos de leitura e as experiências pessoais. As questões levantadas no presente trabalho corroboram a necessidade de se formar leitores literários.

Breve histórico da leitura

Manguel (1997) discorre a respeito da relação leitor e livro em tempos e espaços distintos. Mas primeiramente, relata a sua experiência leitora. Ele aprendeu a ler sozinho quando tinha quatro anos, e desde cedo descobriu o prazer da leitura. Para ele, a leitura é imprescindível ao ser humano: “Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (p. 20). Manguel (1997) inicia contando sua própria experiência com a leitura, pois, segundo ele, não existe uma única história, porque cada história se confunde com a história do leitor. Os leitores têm histórias diferentes. Por isso, o livro em questão é uma história entre muitas possíveis. O autor continua: “(...) é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que deve atribuir significado a um mesmo sistema de signos e depois decifrá-lo.” (p. 19-20). Porém, vale ressaltar que essa relação de livro e leitor nem sempre foi concebida dessa forma.

Até o final do século XIX, a principal corrente existente era a do Biografismo, em que, para se entender certa obra, fazia-se necessário um estudo de onde e quem a produziu. Essa corrente dá, algumas vezes, maior importância a algumas ciências sociais do que ao próprio texto literário. Para quem se propõe a analisar uma obra sob essa perspectiva, dá-se ao leitor a função de entender o que o autor “quis dizer” com aquela obra. Tenta-se desvendar os enigmas de uma obra e, para isso, um estudo biográfico será de imenso valor.

Nas primeiras décadas do século XX, essa corrente passa a sofrer severas críticas. Para os Formalistas “(...) Não importa o que o autor quis dizer, mas o que efetivamente seu texto

diz” (Brandão, 2001. p.21). Dessa forma, o texto em si passa a ter uma significância maior do que o autor e, para investigá-la, o leitor terá que encontrar todas as suas respostas no corpo texto.

É a partir das décadas de 60 e 70 do século XX que outro sujeito ganha importância: o leitor. Percebe-se que um texto não tem significação sem que haja sua leitura. É o leitor que dará sentido ao texto; dando a ele verdades múltiplas: “[...] toda obra literária é uma espécie de objeto vivo, de objeto construído (...)” (Cândido, 1997, p. 177). Isso não implica dizer que, alegando a subjetividade do texto, o leitor poderá ver no texto o que bem entender, pois, embora seja conotativo, cada texto ativa o leitor, exigindo, assim, um posicionamento. Essas diferentes conotações são possíveis devido a natureza do texto literário. Sendo assim, apontaremos a seguir algumas considerações sobre o que é literatura.

Alguns apontamentos sobre literatura

Há tempos se discute acerca da “definição” de literatura. Estudiosos lançaram diversas definições ao longo do tempo, mas ainda não há consenso sobre o conceito de “literário”. Aragão (2006) ao recopilar diversas concepções dos estudiosos sobre o que seja a obra de arte literária, apresenta alguns elementos que supostamente a definiriam.

[...] a aceitação da obra pela comunidade; a forma estética da mensagem; a intenção do autor; os valores artísticos do texto; os recursos formais que servem para “desautomatizar” a mensagem; os traços peculiares da linguagem artística, como a plurissignificação, a conotação; e, finalmente, a ficcionalidade (ARAGÃO, 2006, p. 46)³

Pesquisadores discorrem sobre sua relevância e tentam responder a alguns questionamentos do tipo: o que é literatura, qual sua função na sociedade, se realmente é necessário conhecê-la, se é arte transformadora do homem, etc. Além das questões mencionadas, discute-se a possibilidade de a literatura ser uma “arma” poderosa, por ser considerada, por muitos, fonte de conhecimento, que trata do universo, do homem, da vida.

Culler (1999) apresenta um modelo teórico em que a busca por uma definição para o que é literatura não é o fator principal, como podemos ver a seguir:

³ [...] la aceptación de la obra por la comunidad; la forma estética en la que presenta el mensaje; la intención del ...autor; los valores artísticos del texto; los recursos formales que sirven para “desautomatizar” el mensaje; los ...rasgos peculiares del lenguaje artístico, como la plurisignificación, la connotación, y, finalmente, la ...ficcionalidad. (ARAGÃO, 2006, p. 46).

O que é literatura?“,que não irá embora.Mas que tipo de questão é essa?Se quem está perguntando é uma criança de cinco anos de idade,é fácil."Literatura",você responde,"são histórias,poemas e peças".Mas se o indagador é um teórico literário,é mais difícil saber como enfrentar a indagação. Poderia ser uma questão sobre a natureza geral desse objeto, literatura, que vocês dois já conhecem bem. Que tipo de objeto ou atividade é? O que faz? A que propósitos serve? Assim compreendida,"O que é literatura?"pede não uma definição, mas uma análise, até mesmo uma discussão sobre por que alguém poderia, afinal, se preocupar com a literatura. (CULLER, 1999, p.26-27)

A proposta, desse modo, volta-se para além de uma necessidade de definir o que é literatura. A natureza do texto e a análise dele figuram-se como aspectos que exigem maior estudo por parte do pesquisador que trabalha com o texto literário. Até mesmo o despertar de um interesse pela literatura pode ser estudado.

Refletindo sobre essa questão, Barthes (1989, p.19) diz que “[...] a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens.” Já Cosson (2007) afirma que a literatura é uma composição artística, mas não apenas isso, pois ela deleita, instrui, contesta, liberta, cria valores e os transmite ao ser.

Dentre as inúmeras definições, destacaremos a de Candido (2004, p.174): “Chamarei de literatura da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade.” Para o autor, a literatura é um bem incompressível, ou seja, não pode ser negado ao ser humano, pois, assim como a alimentação, a moradia, o vestuário, a saúde, a liberdade e a instrução, ela é um bem essencial à existência. Desse modo, a ausência dela pode gerar mutilação no indivíduo. Cândido (2004) justifica a literatura como um bem incompressível porque o texto literário humaniza o leitor.

Zilberman e Silva (1990) afirmam que a literatura educa, pois, por meio do texto literário, adquire-se uma visão mais ampla da sociedade, do ambiente em que se vive, bem como das pessoas, uma vez que ela permite o contato com outras culturas, comportamentos, épocas, vivências, além de nos conectar com a magia da ficção, sem deixar de ser verossímil, próxima do que se conhece. A leitura de textos diversos, a contação de histórias, os livros ilustrados, os contos populares, a poesia de cordel cantada por nossos pais, nossos avós e demais familiares educa e nos humaniza. A literatura ensina a partir do momento em que atua na vida do homem. Sobre esse poder, Todorov (2009, 34 p.76) afirma que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos

ajuda a viver. [...] ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

Ler um texto literário, portanto, é uma atividade que envolve competências que vão além das necessárias para o entendimento dele. Não somente os aspectos linguísticos estão envolvidos. O leitor experimenta uma série de vivências que faz com que ele tenha contato com situações que podem ser provocadoras a ponto de torná-lo uma pessoa questionadora, com uma visão de mundo mais humana. As experiências das personagens se confundem com a do próprio leitor e possibilita, desse modo, uma mudança de atitude daquele que lê.

A relação do leitor com o texto

O leitor de uma obra literária, muitas vezes, para melhor compreendê-la, poderá necessitar de informações a respeito da vida do autor, tais como, período em que viveu, leituras feitas, classe social, experiências pessoais, entre outros aspectos que poderão influenciar o escritor. Mas essa não pode ser a fonte principal de pesquisa. Atualmente, a ideia mais aceita é que os três elementos: autor, texto e leitor coexistam, ou seja, cada um tem uma importância individual para a formação do todo.

Cada leitor tem um objetivo quando pratica o ato de ler, os objetivos são os mais diversos: adquirir informações; estudar para uma prova; fazer consultas, etc. Cada um tem seu modo de interagir com o texto, isso vai depender das experiências de leitura que ela/ele possui e da diversidade de textos que lê. A interação depende ainda da intenção do leitor para com o texto. Cada tipo de texto requer habilidades de leitura diferentes, uma vez que a maneira como lemos um jornal ou revista difere da que lemos um trabalho científico ou um texto teórico, por exemplo.

Os processos de aquisição da leitura, normalmente, iniciam-se na infância com a decodificação de sinais, em que a criança aprende a habilidade de associar os sinais aos sons que representam. Nesse momento inicial, faz apenas interpretações superficiais. Embora a criança desenvolva essas habilidades na escola, ela já traz consigo outras leituras que fazem parte do seu conhecimento prévio, o que Freire (1992) denomina de “leitura de mundo”.

Todos trazemos uma bagagem sócio-cognitiva, pois temos experiência de mundo, conhecimentos da nossa língua e das coisas ao nosso redor. Ao ler um texto, tendemos a fazer associações com leituras anteriores, pois a cada leitura, novas estratégias são adotadas e utilizadas de acordo com nossa necessidade leitora.

Um leitor experiente faz relações entre as leituras, ele faz inferências, questionamentos relacionados ao texto, e faz ainda comparações com outras leituras. Crítica, avalia. Koch (2006) reitera que todo leitor recorre a uma série de estratégias na construção de sentido de um texto, entre elas as mais comuns são as estratégias de seleção; as de antecipação; as estratégias de inferências e as de verificação, em que tornamos possível verificar a eficácia das demais, confirmando ou não as suposições.

É relevante pensarmos na compreensão da leitura e de seus processos. Martins (1990) afirma que há três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional, estes estão inter-relacionados e ajudam o leitor a conhecer melhor o objeto lido, pois isso dependerá de suas necessidades e interesses, bem como do contexto social em que está inserido, uma vez que a leitura está além da decodificação do que está escrito.

O primeiro está relacionado aos sentidos: visão, tato, audição, olfato e paladar. Esse nível começa a se desenvolver a partir do nascimento, quando o indivíduo começa a se relacionar com o meio a sua volta. Podemos tomar como exemplo a criança nos seus primeiros anos de vida, em que ela toca tudo o que vê, observa as imagens, as cores a seduzem, coloca objetos na boca, está atenta aos sons emitidos por seus pais quando contam histórias; encontra-se num momento de descobertas e é nesse estágio de sua existência que começa a despertar o gosto pelo que agrada seus sentidos. Assim é a leitura sensorial, não se escolhe o que é lido pelo conteúdo, mas através do que vê, toca, cheira, ouve e saboreia. A curiosidade permite a criança uma busca pelo conhecimento.

O segundo relaciona-se com os sentimentos, ou seja, não há objetividade. O leitor é envolvido por suas emoções, o que o torna vulnerável, pois o que sente muitas vezes não é controlável, por tratar-se do interior e dos prazeres despertados. A leitura emocional é prazerosa, e mexe com as frustrações, alegrias, aventuras, medos, paixões, lembranças... Somos dominados em muitas situações pelas emoções. Um romance, por exemplo, nos faz lembrar momentos, experiências da vida, até mesmo sonhos e fantasias, mesmo que lido superficialmente. Desse modo, somos guiados pelos sentimentos, tendemos a nos colocar no lugar dos personagens e desenvolvermos, às vezes sem intenção, uma identificação com eles, pois o que importa é o que é provocado.

O último nível trata da razão, em que o leitor passa a exigir mais do texto, pois ele já tem maturidade para tal. Maturidade essa que o leitor obteve dos dois níveis anteriores. Aqui há subjetividade, uma busca incessante pela intenção do autor, em que há questionamentos de

como tal texto foi construído, o contexto, a linguagem, a forma... Nesse grau de leitura, reflete-se sobre a realidade social, a sociedade num todo, o mundo, uma vez que o leitor dialoga com o texto, faz indagações, seu objetivo é explorá-lo e compreendê-lo.

Os níveis iniciais são simples, porém, à medida que o leitor vai adquirindo conhecimento e interagindo com o texto, ele eleva seu nível e passa a ler não apenas o escrito, mas também aquilo que não se mostra. Nesse caso, somente o leitor proficiente (aquele que vai além da decodificação, que busca significações no texto, que infere etc.) consegue atingir esse objetivo. Um bom leitor necessita saber fazer inferências, possuir habilidades linguísticas, ter um conhecimento de mundo abrangente, para que possa construir um sentido para um texto, considerando o contexto social em que ele foi escrito.

Os níveis de leitura estão relacionados entre si, ou seja, quando o leitor atinge o nível racional, não significa que ele não utilizará os demais; pois o nível de leitura usado dependerá do tipo de texto. Há vários tipos de texto, entre eles podemos citar o jornalístico, literário, científico, entre outros. Esses textos se distinguem pela forma, pela linguagem que os constituem. Este trabalho, por sua vez, tem como foco o literário.

O texto literário, como dito anteriormente, tem suas características específicas que exigem mais do leitor. Uma delas diz respeito à complexidade da leitura, uma vez que a literatura está aberta a várias interpretações. Sendo assim, por que formar leitores de textos literários?

Para tentar responder ao questionamento levantado, recorreremos a Cândido (2004) quando afirma que humanização é

(...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensíveis e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Cândido, 2004. p. 180.)

Por meio da literatura, o homem encontra um novo sentido para sua vida; pois ela o ajuda nessa busca pelo significado de sua existência. Dessa forma, a literatura não pode ser deixada de lado ao longo da vida do ser humano, pois como alertado anteriormente, o ser humano, além de suprir suas necessidades básicas a sua existência, precisa também garantir a estabilidade de outro setor, o que diz respeito à formação de sua humanidade, de sua espiritualidade.

Outro fator relevante é a visão mais abrangente de mundo que o leitor adquire a partir do ato de ler. Um leitor ativo compreende melhor a realidade e se mostra hábil a buscar por mudanças ideológicas, políticas, sociais, entre outros aspectos relacionados à vida em comunidade. Por outro lado, não afirmamos que a leitura de textos literários seja a salvação para todos os males da humanidade, o que ressaltamos é que a leitura tem um papel de grande importância na formação do ser humano, pois é a partir desta que se obterão informações em relação a qualquer contexto e área de conhecimento, contribuindo assim para a formação cultural e pessoal.

Nesse contexto, mesmo não sendo o foco deste trabalho, parece-nos pertinente apontar que a formação do leitor se dá, principalmente, por meio do trabalho de professores em sala de aula. É na escola que muitos estudantes passam a ter um contato mais direto com o texto de natureza literária. O professor e a escola, desse modo, desempenham um papel de fundamental relevância para que a literatura seja conhecida e apreciada por jovens leitores, para que por meio da leitura, o texto literário possa contribuir para a formação humana. Esse trabalho humanizador com o texto literário no espaço escolar é, sem dúvidas, necessário e se mostra possível.

Considerações finais

No presente trabalho discorremos sobre possíveis histórias da leitura, uma vez que, como apontado no texto, as histórias dos leitores também são necessárias para a construção de um percurso da leitura de um modo geral. Uma discussão sobre o conceito literatura também se fez necessária. Destacamos que são muitas as definições do que pode ser chamado de literatura, mas que as múltiplas perspectivas são possíveis justamente pela complexidade do texto e, principalmente, por conta da dificuldade em responder a questão: o que é literatura. Percebemos, ao final, a impossibilidade de uma única definição. O que temos, por outro lado, são diversas possibilidades que se voltam para a natureza do texto e suas funções.

A relação existente entre autor, texto e leitor, também foi abordada observando as formas diferentes de cada elemento de acordo com a corrente teórica predominante. Inicialmente, com o biografismo, tem-se o foco na vida do autor, em seguida, temos os formalistas russos que se centram no texto, por último, é o leitor que ganha importância, considerando que cada interpretação possui significância. Pressupondo assim, a função de

cada um desses elementos no processo de leitura e também da formação de leitores de textos literários.

Conclui-se que literatura se constitui um direito que não deve ser negado, faz-se necessária ao ser humano, uma vez que proporciona o equilíbrio entre o biológico e o espiritual, ou seja, cumpre um papel humanizador. Por isso, todo ser humano deve usufruir desse bem, afinal, não ter literatura na vida, rotina, pode causar algumas sequelas no presente/futuro.

Referências

ARAGÃO, C. O. **Todos maestros y todos aprendices:** la literatura en formación de los profesores de E/LE tratada como Objeto de estudio, Recurso para la enseñanza y Formadora de lectores. Tese (Doutorado) – Universitat de Barcelona. 552 f. Barcelona, 2006.

BARTHES, R. **Aula.** Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.

CANDIDO, A. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

_____. 1997.

COSSON, R. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007

CULLER, J. **Teoria literária:** uma introdução. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

KOCH, I. V. **Ler e Compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, M. **O Que é Literatura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, M. H. **O que é Leitura.** 12^a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

SANTOS, L. A. B., SILVANA Pessoa de Oliveira. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais:** uma introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CANDIDO, A. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

ZILBERMAN, R. SILVA, E. T. (Org.). **Literatura e pedagogia:** Ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.